



A POÉTICA URBANA DE MARIO QUINTANA¹

FERNANDES, Mônica Luiza Socio²

RESUMO

Entendemos como necessária a implementação de pesquisas de natureza multidisciplinar em que áreas de saberes distintos contribuam para ampliar as possibilidades de diálogo que auxiliem o entendimento das relações humanas cada vez mais complexas. Neste sentido, esta proposta tem como foco o estudo das representações espaciais (arquitetura e paisagens) da cidade de Porto Alegre, encontradas na obra de Mario Quintana. Seus poemas trazem o espaço como um lugar de muitos significados, uma vez que é perpassado pela vivência e pelo registro poético de seus costumes, preferências, rotinas e trajetos na capital gaúcha; também revelam os aspectos culturais, os históricos, a memória, os tipos humanos, os símbolos e as outras linguagens que se cruzam na composição do cenário urbano, numa trama móvel, de múltiplas vozes e múltiplos sentidos. Amparam a pesquisa os estudos voltados a questões entre a literatura e o espaço como os de Bachelard (1993), Haesbaert (1997), Corrêa (2007), Rosendahl (2007) e Santos (1978, 1985).

Palavras-chave: Literatura; Poesia; Mario Quintana; Espaço Urbano.

We understand as a necessity the implementation of researches of multidisciplinary nature in which different areas contribute to spread the possibilities of dialogue assisting the comprehension of human relations, increasingly complex. Thus, the focus of this proposal is the study of the spatial representations (architecture and landscapes) of Porto Alegre that can be found in the work of Mario Quintana. His poems bring space as a place of plural meanings, once it is pervaded by his experience and by the poetic record of his customs, preferences, routines and paths in the city; they also reveal the cultural and historical aspects, memory, human types, symbols and other languages that intersect in the composition of the urban scenery, in a moving plot, of multiple voices and multiple meanings. The research is supported by studies on issues between literature and space, such as Bachelard (1993), Haesbaert (1997), Corrêa (2007), Rosendahl (2007) and Santos (1978, 1985).

Keywords: Literature; Poetry; Mario Quintana; Urban Space.

¹ EIXO TEMÁTICO: Produção do espaço urbano

² Professora Dra., Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM), Curso de Letras, Projeto desenvolvido com apoio da Fundação Araucária, msociofernandes@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

O desejo de registrar o cenário urbano não é recente, muitos foram os escritores que sob uma ótica diferenciada deixaram impressos em suas obras a observação do meio, mesclando traços da realidade e do imaginário na composição de um novo ambiente, carregado de subjetividade. Apresentam, às vezes, o lado obscuro, o lado marginal, aquele lado não valorizado ou não observado pela maioria das pessoas e podem ainda criar um espaço ideal, evocar atmosferas metafóricas ou sugerir lugar algum. Esse olhar geográfico para a literatura é capaz de produzir detalhes que, organizados e sistematizados no texto, podem ser importantes fontes para a compreensão da representação ambiental, contribuindo e enriquecendo as análises literárias.

Chama atenção na obra de MQ a forma como o autor utiliza o espaço, por isso nosso interesse em analisar e interpretar a representação do espaço geográfico da cidade de Porto Alegre por intermédio da leitura e estudo dos seus poemas. Não se trata apenas da configuração de um espaço físico, pois as referências são apreendidas nas sugestões e pistas deixadas nos textos que resgatam uma maneira poética de ver e entender a cidade.

2. DESENVOLVIMENTO

Os poemas de Mario Quintana possuem muitos vestígios da percepção espacial da cidade onde viveu boa parte da vida. Somente como exemplo, citamos alguns lugares recorrentes em seus poemas: A Praça da Alfândega, o Jornal Correio do Povo, o Hotel Magestic – hoje transformado em Casa da Cultura Mario Quintana, o Rio Guaíba, o Mercado Municipal, a Rua da Praia, o café, o cinema. Para completar o pensamento sobre um olhar poético sobre os espaços, citamos uma passagem de Proust (2002, p. 683), na qual o autor expressa que somente pela arte “podemos sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é igual ao nosso, e cujas paisagens permaneceriam tão ignoradas de nós como as por acaso existentes na lua”.

Acreditamos que esta específica forma de representação geográfica revela importantes traços da realidade vivida e observada e que seja um ponto de encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade. Assim, os poemas de Mario Quintana trazem o espaço como um



lugar de significados complexos, uma vez que é perpassado pela vivência e pelo registro poético de seus costumes, preferências, rotinas e trajetos na capital gaúcha.

Quintana, muitas vezes, imprimiu um caminhar solitário, talvez isso tenha contribuído para o hábito de grande observador da paisagem citadina. Em suas andanças, percorreu os labirintos das ruas, frequentou cinemas, bares, jornais, praças, quartos de pensões e hotéis que serviram de pontos de encontros e desencontros de uma vida dedicada à poesia e, parte dela, à cidade de Porto Alegre.

De acordo com Bachelard (1993, p. 19), “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão geométrica. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.” É justamente este espaço, enriquecido com novas imagens poéticas, que pretendemos explorar em sua potencialidade e significações, uma vez que concordamos com Compagnon (2009, p.52) quando diz: “A literatura é um exercício do pensamento; a leitura, uma experimentação dos possíveis”.

Para a Geografia, o espaço é uma categoria de análise. Segundo Milton Santos (1985), o espaço deve ser analisado a partir das categorias: Estrutura, Processo, Função e Forma, consideradas em suas relações dialéticas com a história e a sociedade em relação a diferentes tempos, permitindo a percepção de movimento.

Não se pode analisar o espaço sem se considerar o conjunto dessas categorias, ou seja, a sua totalidade “como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções” (SANTOS, 1978, p. 122), entendidas como indissociáveis. Seguindo a classificação do autor, interessa observar a forma (enquanto aspecto visível e exterior que forma um padrão espacial); a função (relacionada a uma atividade ou papel); a estrutura (liga-se à natureza social, histórica e econômica de uma sociedade em determinado tempo); o processo (uma ação no tempo, implicando em mudança); e por fim, a paisagem (domínio do visível, integrando volume, cores, movimento, odores, sons), elementos indispensáveis à compreensão de um espaço que amplia seu valor significativo, quando observado por um outro prisma além do literário, neste caso, com a contribuição dos estudos da Geografia.



Para a Literatura o espaço é um importante elemento. Explorar as referências à espacialidade pode revelar, além do conjunto arquitetônico de casas, prédios, ruas, praças e da paisagem natural composta por rios, montanhas, vales entre outros, sentimentos relacionados aos lugares frequentados e/ou imaginados. Sobre o espaço e seus significados na literatura, Haesbaert (1997, p.30) admite que “cada indivíduo preenche o seu espaço não apenas com um conjunto de instrumentos e utilitários, mas também de emoção e sensibilidade, pois amamos, sofremos e podemos, pelo menos na imaginação expressar todos os sentimentos e todos os espaços do mundo.”

Assim, a literatura se confirma como uma forma de expressão na qual o espaço assume essas múltiplas significações. Conforme Sevcenko (1983, p. 233), a “literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendre idéias ou fantasias somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo.”

Considerando o exposto, pensamos que mesmo um aspecto palpável como é o caso dos referentes às configurações espaciais: movimento, paisagem, lugares da cidade, dentre outros, que a princípio estariam relacionados a estudos geográficos, por serem parte de uma obra literária, teriam que receber um olhar diferenciado. Portanto, optamos por buscar auxílio em outra área que contribuísse para compreendermos melhor este aspecto da pesquisa. Encontramos na geografia humana uma abordagem que considera em seus estudos o texto literário “como transcrição de experiência de lugares”, “como história paralela”, “como parte da alteridade”, ou seja, como se “capta a paisagem, o lugar e o espaço” (CORREA E ROSENDAHL, 2007, p.11-12). Assim, a noção de espaço vivido associado à subjetividade, como sentíamos necessidade de enfocar, pode ser explorada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre as representações urbanas encontradas em textos literários, neste caso em poemas de Mario Quintana, é ter uma visão que não foca somente os aspectos físico-geográficos de Porto Alegre, pois também integram seus poemas os aspectos culturais, os históricos, a memória, os tipos humanos, os símbolos e as outras linguagens que se cruzam na composição do cenário urbano, numa trama móvel, de múltiplas vozes e múltiplos sentidos.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

HAESBAERT, R. Território, Poesia e Identidade *in Revista Espaço e Cultura*, nº 3. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Trad. Fernando PY. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SEVCENKO, N. *Literatura como Missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.